



Angra dos Reis, 22 de fevereiro de 2018.  
+ Festa da Cátedra de São Pedro

### **Intenção do mês de Março – 2018.**

Amados(as) Filhos(as),

Paz e Bem!

A CF 2018, com o tema “*Fraternidade e superação da violência*”, tem como objetivo geral de construir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência.

A CF pretende advertir que a violência nunca constitui uma resposta justa. A Igreja proclama, com a convicção de sua fé em Cristo e com a consciência de sua missão, que a violência é um mal, é inaceitável como solução para os problemas e não é digna do ser humano. A busca de soluções alternativas à violência para resolver os conflitos assumiu, atualmente, um caráter de dramática urgência. É, portanto, essencial a busca das causas que originam a violência, em primeiro lugar as que se ligam a situações estruturais de injustiça, de miséria, de exploração, nas quais é necessário intervir com o objetivo de superá-las.

O lema “*Vós sois todos irmãos*” (Mt 23,8) busca resgatar o sentido da fraternidade dos povos, pois somos todos irmãos, filhos de um mesmo Pai. Por isso, iluminados pelo Evangelho do Reino, somos chamados à não violência. Assim, somos convidados a percorrer o caminho da superação da violência, crescente em todos os níveis. Para isso, é preciso olhar a realidade, iluminá-la com a luz da Palavra de Deus e, por fim, agir sobre ela, transformando-a.

A convivência pacífica e a sociabilidade violenta parecem disputar os mesmos espaços no cotidiano. No Brasil, criou-se um discurso conveniente, segundo o qual o povo brasileiro é “pacífico”; contudo, basta observar a sociedade para perceber como a violência está presente no dia a dia. Tal violência, com o passar dos anos, foi se tornando uma “cultura”, gerando assim os rostos nos quais se contempla o descaso com a pessoa humana e o quanto ela é tolhida em seus direitos e dignidade.

A mídia é a grande colaboradora do processo de naturalização da violência, pois a polariza em alguns contextos específicos (p. ex., o narcotráfico, os assassinatos e as guerras) – como se ela só fosse possível nesses “ambientes”. Esquece-se que a violência nasce no próprio ser humano, quando este escolhe o caminho do ódio, do não perdão, da inveja, da soberba. Acrescido a isso, a sociedade aceita passivamente atitudes de natureza violenta. Essa naturalização se converte em indiferença. Os números da violência no Brasil revelam uma calamidade social. Raramente, porém, o espectador ultrapassa o nível de leve indignação diante dos dados.

A mídia, ao apresentar as situações de modo teatral, desperta na população um senso justiceiro, um desejo de fazer justiça com as próprias mãos. Volta à cena o desejo do mais alto grau de punição: a morte, como se fosse a solução para erradicar todos os tipos de violência. O descarte do ser humano, seja ele vítima ou autor do malfeito, não é o caminho. Não se pode alimentar um sistema que separa bons e maus, justos e injustos. É preciso voltar-se ao senso de fraternidade: o outro é meu irmão; se é meu irmão, eu não o descarto quando erra, mas o ajudo a se reeducar no caminho do bem. É preciso passar de um sistema excludente, elitista e descartável para uma sociedade fraterna, responsável e inclusiva.

Ainda que o Brasil, nos últimos anos, tenha apresentado evidentes avanços e conquistas sociais, estes ainda não foram suficientes para eliminar a desigualdade. Uma vez que cresce a desigualdade, cresce também a violência. O não atendimento aos direitos elementares das pessoas constitui um nascedouro para a violência em sociedade. E ela apresenta-se nas mais variadas formas: física, psicológica, institucional, sexual, de gênero, doméstica, entre outras. Superar as várias faces da violência é tarefa de todos. Exige o compromisso de cada cristão no enfrentamento das múltiplas formas de ofensa à dignidade humana que se naturalizam escandalosamente em nossa sociedade.

Quando se fala de vítimas da violência, não se pode ficar o tempo todo generalizando. Por trás de cada vítima há um rosto, uma pessoa com vontade, liberdade e capacidade para amar, que teve os seus direitos arrancados pela violência. O convite que a Igreja faz, não visa à superação de um quadro estatístico; ela convida à superação na vida e na história de cada homem e mulher subtraídos de seus direitos.

Jesus Cristo é por excelência uma pessoa de paz, de não violência, de prática da fraternidade. Jesus revela que Deus é Pai e os seres humanos são irmãos. A fraternidade anunciada por Jesus é composta de um caminho de misericórdia, que pede e oferece perdão; um caminho em que se assume a postura do samaritano, o qual se inclina sobre a dor do que sofreu violência, dele cuida e com ele supera o sofrimento. Disto deriva uma consequência prática: quem conhece Jesus promove a paz, jamais estimula a violência. Quem, em Cristo, sabe que foi agraciado com a paz deve se tornar um reconciliador, um construtor de paz. Como lembra um antigo escrito cristão: “*Deus enviou o seu Filho para nos salvar, para persuadir, e não para violentar, pois em Deus não há violência*”.



A Igreja não esconde os erros da sua história, mas aprende com eles e busca cada dia refazer a escolha do seguimento de Jesus. Ela segue o seu Mestre – que não agiu com violência, mas morreu de morte violenta – e, guiada pela sua presença ressuscitada e pelo seu Espírito, busca oferecer a todos os povos um caminho para vencer a violência.

Assim, o papa Francisco recorda que a superação da violência passa pela fraternidade, fundamento e caminho para a paz. A superação da violência não é uma teoria, mas deve ser um caminho de ativa transformação. Essa mudança passa pela pessoa, pela comunidade e pela sociedade. A conversão conjugada dessas três realidades é uma trilha segura para a superação.

Portanto, a superação da violência passa pela conversão pessoal. É preciso assumir a espiritualidade do seguimento de Jesus, o modelo de pessoa que escolheu ser não violento. A conversão, compreendida na mudança de atitudes e comportamentos, é a principal proposta que a liturgia quaresmal oferece.

O mundo muda quando a pessoa muda. Para que isso aconteça, é preciso adotar uma postura correspondente à de Jesus: promovendo a cultura da paz; adotando mídias alternativas, que não tratam a violência com sensacionalismo; participando de políticas públicas para a superação da violência; valorizando a instituição familiar; vivendo uma vida menos consumista; pedindo e oferecendo perdão; adotando a cultura da empatia. E recordando-se sempre de que o outro não é apenas o outro: ele é irmão.

A superação da violência começa pelo respeito à dignidade da pessoa humana, defendendo e promovendo a dignidade da vida humana em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural. A proposta é a superação da violência. Para concluir, bastam as palavras do papa Francisco: *“Ouvimos um chamado e devemos responder: o chamado a romper a espiral do ódio e da violência, a rompê-la com uma única palavra: ‘irmão’. Mas, para dizer essa palavra, devemos todos levantar os olhos ao céu e reconhecer-nos filhos de um único Pai”*.

Assim, rezemos: ***pela nossa conversão e superação da violência.***

Certos da fidelidade orantede todos, com paterna solicitude, subscrevemo-nos com a nossa bênção e orações, recomendando-nos às vossas.

Fraternalmente, em Cristo Jesus,

pe.gilbertostanisce